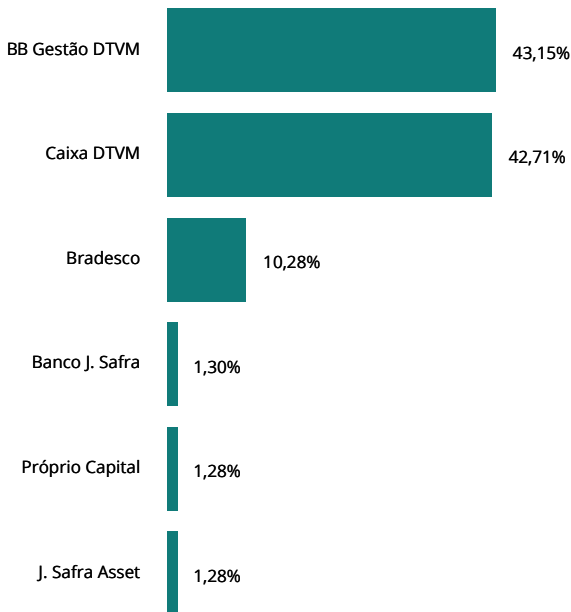


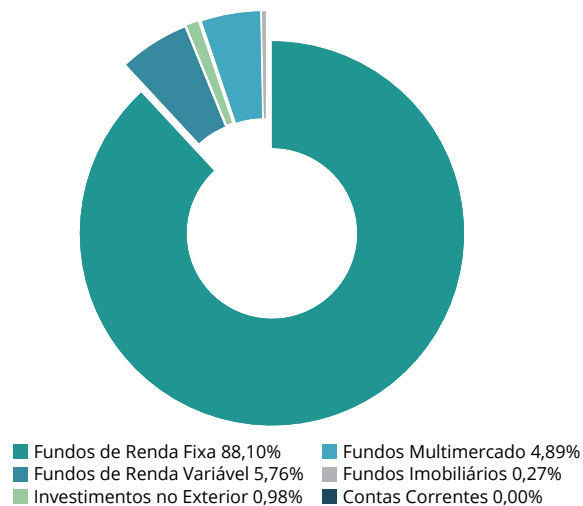
**ANGEPREV**

Os recursos do ANGEPREV são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência. A diretoria do RPPS, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos.

**DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR INSTITUIÇÃO FINANCEIRA**



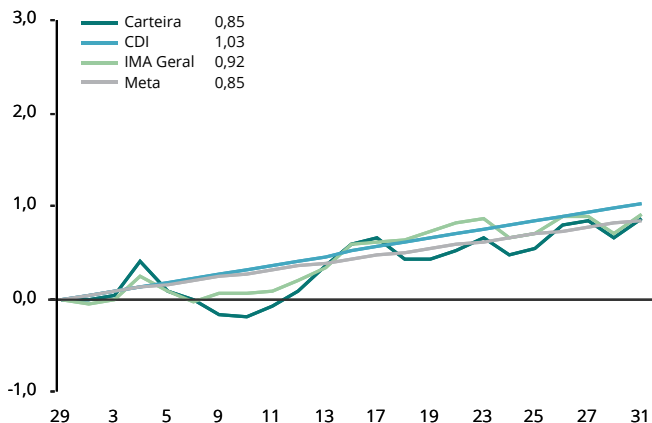
**DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR SEGMENTO**



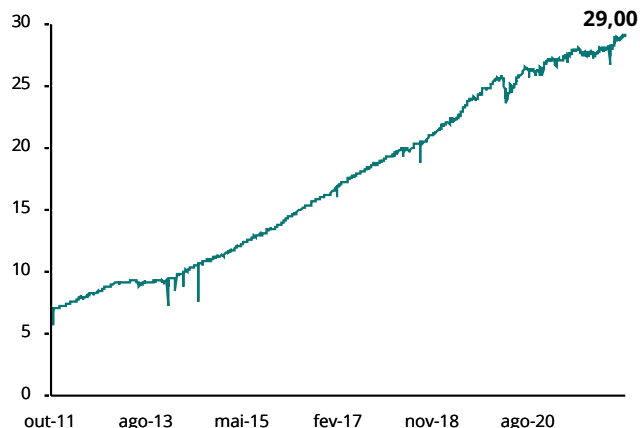
**HISTÓRICO DE RENTABILIDADE**

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 12 MESES
<b>ANGEPREV</b>	0,85%	3,30%	3,00%
<b>META ATUARIAL - INPC + 4,89% A.A.</b>	0,85%	7,07%	17,75%
<b>CDI</b>	1,03%	4,34%	7,89%
<b>IMA GERAL</b>	0,92%	4,04%	5,26%
<b>IBOVESPA</b>	3,22%	6,23%	-11,78%

**RENTABILIDADE ACUMULADA NO MÊS (EM %)**



**EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO (EM R\$ MILHÕES)**



## ANGEPREV

Maio foi mais um mês agitado para os mercados globais e domésticos. A inflação continuou a ser o principal ponto de preocupação, com índices de preços apontando para um cenário de inflação ainda acelerada e eventos como a guerra na Ucrânia e os fechamentos realizados na China mantendo pressionados os níveis de preços ao redor do mundo. Bancos centrais que se reuniram durante o mês seguiram com seus apertos monetários, incluindo o brasileiro. Aqui no Brasil, além das preocupações comuns ao cenário externo, pesou também em maio o cenário fiscal, com as discussões de medidas com potencial de deteriorar a situação das contas públicas.

A covid-19, embora não seja mais um fator de forte preocupação na maior parte do mundo, continuou afetando bastante a China, que manteve ao longo do mês sua política de tolerância zero com a doença. Isso fez com que o governo prolongasse os fechamentos em diversas regiões, como Pequim e Xangai, as duas maiores cidades do país. Dessa forma, as medidas continuaram gerando diversos problemas nas cadeias de produção globais, o que enfraqueceu a atividade econômica e seguiu pressionando a inflação ao redor do mundo. Mais próximo do final do mês, em meio a uma redução no número de infecções e mortes, as restrições começaram a ser relaxadas, o que contribuiu para uma melhora nas perspectivas futuras para as economias local e global.

Dados de atividade demonstraram o efeito adverso que esses fechamentos já tiveram sobre a economia chinesa. As vendas no varejo da China haviam caído 11,1% em abril frente ao mesmo mês de 2021, resultado pior do que a queda esperada de 6,1%. A produção industrial do país também ficou aquém das expectativas no mês, com queda de 2,9% na mesma base de comparação, ante expectativa de alta de 0,4%. Ainda, a taxa de desemprego subiu para 6,7% naquele período, ficando praticamente em linha com as expectativas. Como muitos dos fechamentos haviam se iniciado no mês de abril, esses resultados contribuíram para um pessimismo maior em relação ao desempenho da economia da China em maio.

Na Europa, a guerra na Ucrânia continuou a afetar significativamente o cenário local. A União Europeia (UE) anunciou novas sanções à Rússia, afetando alguns bancos e emissoras de televisão russos que operavam dentro do bloco. Ao final do mês, os membros do grupo conseguiram chegar a um acordo para estabelecer um embargo parcial ao petróleo da Rússia, aumentando consideravelmente as preocupações com a inflação no continente europeu. Foi proposta a proibição de toda a importação de petróleo e derivados da Rússia, com exceção ao oleoduto de Druzhba, que abastece a Hungria e países vizinhos. No entanto, a medida foi apenas posta em pauta, não sendo votada pelos países-membro até o fim do mês.

Ainda, durante o mês, a Finlândia e a Suécia declararam interesse em ingressar na Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), movimento que aumentou as tensões geopolíticas na Europa. Ambos os países tinham um histórico de neutralidade militar, mas reconsideraram suas posições após a invasão da Rússia à Ucrânia. O governo russo ameaçou medidas retaliatórias caso essa adesão ocorresse, sem especificar quais seriam. O mês terminou com o processo ainda em curso, de forma que as tensões permaneceram elevadas durante o período.

Indicadores da zona do euro também demonstraram os prejuízos que a guerra já havia causado à atividade econômica da região nos meses anteriores. A produção industrial local caiu 1,8% em março frente a fevereiro, resultado pior do que a queda de 1% esperada pelos mercados. Na comparação com março de 2021, a indústria retraiu 0,8%. Por outro lado, a queda na taxa de desemprego daquele mês para 6,8% indicou um cenário mais positivo para o mercado de trabalho, apesar de todas as incertezas advindas do conflito armado. Com esse desempenho do mercado de trabalho e o Índice de Preços ao Consumidor (CPI) registrando alta de 7,4% nos 12 meses acumulados até abril, as expectativas em relação à política monetária passaram a ser mais pessimistas, com os mercados esperando sinalizações do Banco Central Europeu (BCE) de um aperto monetário mais rígido neste ano. Essa sinalização veio na ata da última reunião de política monetária do BCE, onde eles expressaram clara preocupação com a inflação e defenderam a continuidade da normalização da sua política monetária.

No Reino Unido, a inflação mostrou uma aceleração ainda maior, com o CPI aumentando 9% em abril na base de comparação anual, acelerando fortemente em relação ao março, com alta mensal de 2,5%. Entretanto, ao contrário do observado no continente europeu, a inflação britânica veio acompanhada de uma economia bastante robusta, com alta de 1,4% nas vendas do varejo em abril frente a março, resultado contrário à queda de 0,3% esperada pelos mercados. Isso abriu espaço para que o Bank of England, banco central do Reino Unido, aumentasse em 0,25 ponto percentual a taxa de juros da região, passando-a para 1%. A manutenção desse ciclo de alta e as indicações do BoE de preocupação com a inflação local fortaleceram as projeções de continuação do aperto monetário.

Receios acerca da inflação também afetaram os Estados Unidos, com seu CPI registrando alta de 8,3% em abril frente ao mesmo mês de 2021, acima dos 8,1% esperados pelo mercado. Em sua reunião realizada no início do mês, o Comitê Federal de Mercado Aberto (Fomc) decidiu subir a taxa de juros do país em 0,5 ponto percentual, elevando-a ao intervalo entre 0,75% e 1%.

## ANGEPREV

Essa decisão já era amplamente esperada pelos mercados, assim como o anúncio feito no comunicado de que a partir de primeiro de junho o Federal Reserve (Fed) começaria a reduzir de forma gradual suas reservas de títulos do Tesouro e de hipotecas. O que chamou a atenção dos mercados foram as declarações do presidente do Fed, Jerome Powell, após a divulgação da decisão do Fomc. Em suas falas, Powell, afirmou que um aumento de 0,75 ponto percentual não era ativamente considerado pelo comitê, e que nas reuniões seguintes outros aumentos de 0,5 ponto percentual deveriam ocorrer. Isso contribuiu para um aumento de otimismo dos mercados, que recebiam uma maior aceleração do ritmo de aperto monetário pelo Fed.

A ata da reunião reforçou esse sentimento próximo ao final de maio, dado que no documento não houve menção ao risco de recessão por conta do aperto monetário, e foi reforçada a sinalização de que o ritmo do ciclo de alta dos juros não se aceleraria nas reuniões seguintes, com expectativas de mais dois aumentos de 0,5 ponto percentual. Por fim, contribuiu para consolidação dessa visão o Índice de Preços do Consumo das Famílias (PCE) dos Estados Unidos, que subiu 0,2% em abril, registrando alta de 6,3% frente a abril de 2021. Além de o índice registrar desaceleração inflacionária em relação a março, seu núcleo ficou em linha com as projeções, de alta de 0,3%.

Indicadores de atividade divulgados em maio surpreenderam positivamente os mercados, fortalecendo o otimismo com a economia local e as projeções em relação ao ritmo do ciclo de alta na taxa de juros estadunidense. As vendas no varejo dos Estados Unidos cresceram 0,9% em abril frente a março. Apesar da variação ter ficado levemente abaixo das expectativas, a revisão do crescimento de março de 0,7% para 1,4% significou que o volume de vendas foi maior do que o esperado em abril. Já a produção industrial apresentou alta de 1,1% na mesma base de comparação, ante os 0,5% esperados. Também, a taxa de desemprego dos Estados Unidos permaneceu estável em 3,6% em abril, praticamente em linha com as expectativas de mercado, com criação líquida de 428 mil vagas de emprego. Além dos indicadores, aumentou o otimismo com a economia local também a fala do presidente Joe Biden, que acenou para uma possível redução de tarifas impostas à China durante o governo Trump.

Aqui no Brasil, ao longo de maio foram discutidas diversas medidas para controle da inflação, as principais focadas nos combustíveis. No início do mês a Petrobras realizou mais um reajuste no preço do diesel nas refinarias, elevando-o em 8,87%. Em meio à insatisfação sobre essa questão, o presidente Jair Bolsonaro apontou um novo ministro de Minas e Energia, Adolfo Sachsida, mudança seguida de mais uma troca na presidência da Petrobras, com a demissão de José Mauro Ferreira Coelho e indicação de Caio Mário Paes de Andrade ao cargo. Mesmo com essas alterações, não houve até o final do mês quaisquer mudanças sobre a política de preços da empresa.

Para combater os impactos dos combustíveis na inflação, a Câmara dos Deputados aprovou um projeto de lei estabelecendo um teto para a cobrança do ICMS pelos estados sobre combustíveis, energia elétrica e gás natural, ao mudar sua classificação de itens supérfluos para itens essenciais. Com isso, os itens afetados passaram a ter uma alíquota máxima entre 17% e 18%, menor do que a registrada na maior parte dos estados. O texto aprovado também estabeleceu um gatilho temporário para compensar os estados quando a queda na arrecadação total do tributo for superior a 5%, através do abatimento da dívida desses entes com a União. O projeto terminou o mês tramitando no Senado, onde as discussões se prolongaram devido à oposição de governos estaduais a partes da proposta. Apesar dessa medida reduzir a inflação esperada para 2022, seu caráter fiscal adicionou incertezas sobre as contas públicas, com aumento no risco fiscal dada a perda de receitas que ele causa.

Contribuíram também para maior percepção de risco fiscal os anúncios de greves dos servidores do Tesouro Nacional e da Controladoria-Geral da União, mesmo após avanços nas discussões sobre o reajuste salarial de 5% proposto pelo governo para os servidores públicos federais, que já teria um custo estimado de R\$ 6 bilhões. Segundo estimativas do Ministério da Economia, o governo teria que bloquear aproximadamente R\$ 14 bilhões de verbas do Orçamento para acomodar despesas obrigatórias que não estavam previstas neste ano sob o teto de gastos, já considerando esse reajuste. Por outro lado, a sanção da Medida Provisória (MP) que estabeleceu em R\$ 400 o valor mínimo do Auxílio Brasil diminuiu o risco fiscal associado ao projeto. Ainda, a aprovação pelo Tribunal de Contas da União (TCU) do projeto do governo para privatização da Eletrobras, que trouxe grande avanço à pauta, também foi positiva para o cenário fiscal.

Dados fiscais levaram a uma melhora nas expectativas em relação às contas públicas neste ano. O superávit primário de R\$ 4,3 bilhões em março, que levou a uma queda na dívida bruta para 78,5% do PIB, e a arrecadação federal de R\$ 195 bilhões em abril, foram resultados que causaram uma revisão positiva nas projeções fiscais para 2022. No entanto, o otimismo ficou restrito a este ano, com incertezas sobre o cenário fiscal a partir de 2023 pesando mais sobre o sentimento do mercado.

Dado este cenário fiscal e a inflação ainda elevada, o Comitê de Política Monetária (Copom) aumentou a taxa de juros em 1 ponto percentual em sua reunião realizada no início de maio, decisão já esperada pelos mercados. Com esse aumento, a taxa Selic ficou em 12,75%.

## ANGEPREV

O Copom afirmou que seria necessário prolongar o ciclo de alta da taxa Selic, adiantando que outro aumento deveria ocorrer no encontro seguinte, em menor magnitude do que o realizado. Essa antecipação de um novo aumento também já era esperada por grande parte do mercado, de forma que a comunicação serviu para consolidar expectativas de uma taxa de juros acima dos 13% ao fim do ciclo de alta. Comunicações do Banco Central e de seus membros aumentaram a percepção do mercado de que seria mais provável a ocorrência de um adiamento nos cortes da taxa Selic em 2023 do que um aumento na taxa de juros a um patamar ainda mais contracionista para controlar o surto inflacionário corrente.

Por fim, dados de atividade surpreendentemente positivos indicaram que a inflação alta veio aliada a um bom desempenho dos setores da economia. A produção industrial cresceu 0,3% em março frente a fevereiro, enquanto as vendas no varejo cresceram 1,0% e o volume de serviços 1,7%. As projeções para as altas nos setores eram de 0,1%, 0,4% e 0,7%, respectivamente. Além disso, a taxa de desemprego caiu para 10,5% em abril, ficando abaixo dos 11% esperados pelo mercado. Já o nível de ocupação subiu para 55,8%, indicando uma real melhora no mercado de trabalho no período. Com esses dados positivos, e um Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo 15 (IPCA-15) trazendo mais uma surpresa inflacionária no mês, com alta de 0,59% ante os 0,45% projetados pelo mercado, passou-se a projetar um prolongamento do período de taxa de juros em patamar excepcionalmente contracionista.

Frente a esse cenário repleto de incertezas, mas com alguns sinais positivos tanto para a economia brasileira quanto para a mundial, os mercados locais de renda fixa e de renda variável registraram desempenho positivo no período, apesar da intensa volatilidade. A renda variável se beneficiou de notícias como o avanço da privatização da Eletrobras e a reabertura de regiões da China, enquanto a renda fixa teve seu resultado impactado positivamente pela redução de risco fiscal associada a alguns projetos sancionados durante o mês, além dos resultados fiscais robustos. Dessa forma, o Ibovespa, principal índice da bolsa brasileira, fechou o mês com alta de 3,22%, enquanto os principais índices de renda fixa também terminaram o período com variação positiva.